

The Killing
Crónica de Um Assassinio

1.º volume



D. QUIXOTE

Sexta-feira, 31 de outubro

Pelo bosque escuro, onde as árvores mortas não dão abrigo, Nanna Birk Larsen corre.

Dezanove anos, sem fôlego, a tremer numa reduzida combinação rasgada, os pés descalços a tropeçarem na lama pegajosa.

Raízes cruéis prendem-lhe os tornozelos, ramos de dentes arreganhados rasgam-lhe os braços pálidos que se agitam. A rapariga cai, debate-se para sair dos horríveis barrancos húmidos, tentando controlar os dentes que batem, tentando pensar, ter esperança, esconder-se.

Há um brilhante olho monocular que a segue, como um caçador atrás de um veado ferido. Aproxima-se num lento ziguezaguear através da desolada Pinseskoven, a Floresta de Pentecostes.

Troncos de prata despídos erguem-se do solo estéril como membros de cadáveres antigos tolhidos nos estertores finais.

Outra queda, a pior. O chão debaixo dela desaparece, as pernas afundam-se. Com as mãos a girarem no ar e a gritar de dor e desespero, a rapariga cai na vala suja e gelada, chocando com rochas e troncos, chapinha por entre o cascalho afiado e cortante, apalpa a cabeça, as mãos, os cotovelos, os joelhos, roça o terreno invisível e inóspito sob os seus pés.

A água gelada, o medo, a presença dele não muito distante...

A rapariga cambaleia, ofegante, para fora da lama, trepa até à margem, afasta o mais que pode os pés nus, dilacerados e a sangrar,

para ganhar algum apoio no solo pantanoso, no meio do lodo que lhe escorre por entre os dedos.

No cume mais à frente encontra uma árvore. Algumas últimas folhas de outono tocaram-lhe ao de leve no rosto. O tronco é maior do que os outros e, quando o abraça, pensa em Theis, o pai, um gigante de um homem, silencioso, taciturno, um firme e estoico baluarte contra o mundo exterior.

Nanna segura-se à árvore, agarra-se a ela como dantes se agarra ao pai. A força dele aliada à dela, a força dela aliada à dele. Nunca fora preciso mais nada, nunca seria preciso mais nada.

Do céu infinito desce um gemido sibilante. As luzes brilhantes de um avião a jacto a escapar aos limites da gravidade, a fugir de Kastrup¹, a fugir da Dinamarca. A sua presença fugidia deslumbra e cega. Sob a luminosidade implacável, os dedos de Nanna Birk Larsen vagueiam até ao rosto. Apalpam a ferida que vai do olho esquerdo para a face, odiosa, aberta, sangrenta.

A rapariga consegue cheirá-lo, senti-lo. Sobre ela. Dentro dela.

Através de toda a dor e por entre o medo ergue-se subitamente uma inesperada e ardente chama de fúria.

Tu és a filha de Theis Birk Larsen.

Todos lhe diziam aquilo quando lhes dava motivos para isso.

Tu és Nanna Birk Larsen, filha de Theis, e também de Pernille, e escaparás ao monstro que te persegue no meio da noite, pela Floresta de Pentecostes na periferia da cidade, onde, a poucos mas longínquos quilómetros, se encontra aquele lugar caloroso e seguro chamado lar.

Nana levanta-se e agarra-se ao tronco como uma vez se agarrou ao pai, braços em volta da casca prateada, a combinação brilhante manchada de terra e de sangue, tremendo de frio, em

¹ Kastrup é uma zona suburbana de Copenhaga, na ilha de Amager, onde está situado o Aeroporto Internacional da capital dinamarquesa, sendo igualmente a designação informal daquele. A ilha de Amager faz parte da capital, à qual está ligada por cinco pontes. (*N. do T.*)

silêncio, convencendo-se a si própria de que encontrará a salvação mais à frente, para lá do bosque escuro e das árvores mortas que não dão abrigo.

Um feixe de luz branco estende-se novamente sobre ela. Não é o dilúvio de luz que jorra da barriga de um avião que voa sobre aquela floresta estéril, como um vasto anjo mecânico buscando preguiçosamente uma alma perdida tresmalhada para salvar.

Corre, Nanna, corre, grita uma voz.

Corre, Nanna, corre, pensa a rapariga.

Uma lanterna incide agora sobre ela, o olho ardente. E está mesmo ali.

Segunda-feira, 3 de novembro

– Ali, nas traseiras – disse o polícia. – Foi encontrada por um sem-abrigo.

Sete e meia da manhã. Ainda estava escuro, a chuva caía em linhas retas e geladas. Sob o guarda-vento do edifício de tijolos sujo, perto das docas, a subcomissária criminal Sarah Lund observava os homens uniformizados a colocarem fitas de sinalização que advertiam: «Não Atravessar.»

O último local de crime que alguma vez veria em Copenhaga. E tinha logo de ser um assassinio. Ainda por cima, a vítima era uma mulher.

– O edifício está vazio. Estamos a inspecionar o prédio do outro lado.

– Que idade tem ela? – perguntou Lund.

O polícia, um homem que Lund mal conhecia, encolheu os ombros e depois limpou a chuva do rosto com o braço.

– Porque pergunta?

Por causa de um pesadelo, apeteceu-lhe responder. Um pesadelo que a despertou às seis e meia da manhã, aos gritos, sentada muito direita numa cama vazia. Quando se levantou, Bengt, o gentil, atencioso e calmo Bengt, percorria silenciosamente o apartamento a acabar de fazer as malas. Mark, o filho de Lund, dormia como uma pedra frente ao televisor do quarto e nem sequer se mexeu quando a mãe entrou para o espreitar. Nessa noite

iam os três apanhar o voo para Estocolmo. Uma nova vida nou-
tro país. Esquinas cruzadas. Pontes queimadas.

Sarah Lund tinha trinta e oito anos. Era uma mulher séria que olhava incessantemente para o mundo em seu redor, nunca para si mesma. Ia começar o seu último dia na polícia de Copenhaga. As mulheres como ela não tinham pesadelos, terrores na escuridão, lampejos fugazes de um rosto jovem assustado que, há muito, muito tempo, podia ter sido o seu.

Essas fantasias eram para os outros.

– Não se incomode a responder – disse o polícia, carrancudo perante o silêncio de Lund quando levantou a fita e o acompanhou até à porta de correr metálica. – Digo-lhe uma coisa. Nunca tinha visto um caso como este.

O polícia entregou-lhe um par de luvas forenses azuis, observou-a a calçá-las e, em seguida, pressionou o ombro contra o metal ferrugento. A porta abriu-se, a guinchar como um gato torturado.

– Já vou ter consigo – disse o polícia.

Sarah não esperou, limitando-se a seguir em frente como sempre fazia, sozinha, observando atentamente, olhando para um lado, depois para o outro, com os olhos brilhantes muito abertos, sempre a procurar.

Por algum motivo, o polícia fechou a porta de correr no preciso momento em que Sarah entrou, tão rapidamente que o gato guinchou uma oitava acima desde a última vez. Depois ficou em silêncio, com o tinido metálico do ferro pesado a deixar repentinamente o dia cinzento para trás.

Em frente havia um corredor central e o que parecia ser uma câmara frigorífica para conservar carne, com ganchos pendurados a intervalos regulares ao longo das vigas. Um único conjunto de projetores no teto.

O chão de betão estava húmido e brilhante. Algo se moveu nas sombras, ao fundo, oscilando lentamente como um pêndulo gigantesco.

Ouviu-se o som de um interruptor invisível e, em seguida, o lugar ficou tão escuro como o quarto onde estivera naquela manhã, quando um sonho violento e indesejado a acordou num sobressalto.

– Liguem a luz! – gritou Lund. A voz ecoou pelo ventre negro e vazio do edifício. – Importam-se de ligar a luz.

Nem um som. Sarah era uma detetive experiente e lembrava-se de tudo o que devia trazer consigo, à exceção da pistola, na qual só parecia pensar quando era tarde de mais.

Porém, Sarah tinha a lanterna, bem guardada no bolso direito. Tirou-a e segurou-a como fazem os polícias: mão direita na vertical, com o pulso inclinado para trás e o feixe de luz apontado para a frente, em busca, espreitando para sítios a que as outras pessoas não prestavam atenção.

A luz e Lund foram à caça. Cobertores, roupas deitadas fora, duas latas de Coca-Cola amassadas, uma embalagem vazia de preservativos.

Deu três passos e depois parou. Junto da parede direita, visível no ponto em que tocava no chão, havia uma poça de líquido, escarlate e pegajoso, duas linhas horizontais ao longo do reboco a descascar, as marcas deixadas pelo sangue quando um corpo é arrastado pelo chão.

Lund enfiou a mão no bolso, tirou a embalagem de pastilhas de nicotina e atirou uma para a boca.

Não era apenas Copenhaga que ficava para trás. O tabaco também estava na lista negra.

Agachou-se e pôs um dedo azul enlavadado na poça pegajosa, ergueu-o até ao nariz e cheirou.

Deu mais três passos e deparou-se com um machado de lenhador, o cabo limpo e brilhante como se tivesse sido comprado

numa loja no dia anterior. Pôs dois dedos no charco de líquido vermelho que escorria da lâmina, testou-o, cheirou e refletiu.

Nunca iria aprender a gostar do sabor do *Nicotinell*. Continuou a andar. O que estava à sua frente ia ficando cada vez mais nítido. Oscilava de um lado para o outro. Era uma lona industrial, tão manchada de vermelho que parecia a mortalha de um animal abatido.

O que estava no interior tinha uma forma familiar, humana.

Lund mudou a posição da lanterna, segurou-a junto da cintura, com o feixe de luz para cima, e inspecionou o tecido, procurando por onde pegar.

O material saiu com um movimento rápido, e o que estava por baixo oscilou lentamente no feixe de luz. O rosto hírto que a lanterna captou era masculino e tinha a boca aberta num «O» perpétuo. Cabelo preto, pele rosada, um monstruoso pénis ereto de plástico que piscava. E, na cabeça, um capacete viking num azul-vivo, com cornos prateados e tranças douradas pendentes.

Lund inclinou a cabeça e, para lhes agradar, sorriu.

Preso ao peito do brinquedo sexual estava uma nota: *Obrigado, chefe, por sete anos fantásticos. Os rapazes.*

Gargalhadas vindas das sombras.

Os rapazes.

Boa partida. Mas talvez pudessem ter utilizado sangue verdadeiro.

O Politigården era um labirinto cinzento construído sobre terra conquistada ao mar perto da zona portuária. O exterior do quartel-general da polícia era lúgubre e linear, ao passo que o interior desembocava num pátio circular. Havia colunas clássicas numa arcada sombria que bordejava o pátio. Dentro do edifício, escadarias em espiral conduziam a corredores sinuosos revestidos de mármore preto estriado, seguindo em todas as direções a

partir do círculo perfeito como veias calcificadas. Demorara três meses a encontrar o caminho no meio daquele complexo escuro e labiríntico. Mesmo agora, às vezes, ainda tinha de pensar para descobrir onde estava.

O Departamento de Homicídios ficava no segundo andar, na ala nordeste. Sarah estava no gabinete de Bucharth, com o capacete viking na cabeça, a ouvir as piadas deles, a abrir os presentes deles, a sorrir, mantendo-se em silêncio sob os cornos de cartão e as tranças douradas.

Depois agradeceu-lhes e dirigiu-se ao seu gabinete, começou a arrumar os seus pertences. Não havia tempo para confusões. Sorriu para a foto de Mark, emoldurada sobre a secretária. Três anos antes, quando o filho tinha nove anos, muito antes de ter chegado a casa com aquele brinco ridículo. Antes – pouco antes – do divórcio. E depois apareceu Bengt, a tentá-la a ir para a Suécia e para uma vida do outro lado das sombrias águas geladas do Øresund.

Mark. Então, como agora, nunca sorria. Isso mudaria na Suécia. Assim como tudo o resto.

Lund arrumou o que restava sobre a secretária – a sua reserva de três meses de *Nicotinell*, as esferográficas, o afia com a forma de um autocarro londrino – dentro de uma frágil caixa de papelão e, por fim, colocou a fotografia de Mark no topo.

A porta abriu-se e um homem entrou.

Sarah olhou, ajuizou, como sempre fazia. Um cigarro pendurado ao canto da boca. Tinha o cabelo curto, o rosto severo. Olhos grandes, orelhas grandes. Roupas baratas e talvez demasiado juvenis para um homem que não andava longe da sua idade. Transportava uma caixa muito parecida com a dela. Sarah conseguiu ver o mapa de Copenhaga, um cesto de basquetebol de criança para pendurar na parede, um carro-patrolha em miniatura e uns auscultadores.

– Procuo o gabinete de Lund – disse o homem, olhando para o capacete viking empoleirado no novo par de esquis que tinham oferecido a Sarah durante o pequeno-almoço.

– Sou eu.

– Jan Meyer. Usam esse uniforme por aqui?

– Vou para a Suécia.

Pegou nos seus pertences e os dois fizeram uma pequena dança em torno um do outro enquanto Lund tentava chegar à porta.

– Por amor de Deus... porquê? – perguntou Meyer.

Lund pousou a caixa, atirou para trás o cabelo castanho comprido e rebelde, tentou pensar se ainda restava alguma coisa que quisesse levar.

Meyer tirou o cesto de basquetebol da caixa, olhou para a parede.

– A minha irmã fez uma coisa parecida – disse Meyer.

– Como assim?

– Já não estava a conseguir viver aqui, por isso mudou-se para Bornholm com um tipo. – Meyer enfiou o cesto por cima dos arquivos. – Era um tipo fixe. Mas não resultou.

Lund fartou-se do cabelo, sempre a cair-lhe para os olhos, tirou um elástico do bolso e amarrou-o num rabo-de-cavalo.

– Porque não?

– Era um sítio demasiado remoto. Enlouqueceram a ouvir vacas a peidarem-se o dia inteiro – Meyer pegou numa caneca de cerveja de estanho e rodou-a nas mãos. – Para onde vais?

– Para Sigtuna. Meyer imobilizou-se de repente e fitou-a em silêncio. – Também é um sítio muito remoto – acrescentou Lund.

Meyer deu uma longa passa no cigarro e retirou uma pequena bola de futebol da caixa. Depois pousou o carro-patrolha em miniatura na secretária e começou a movimentá-lo para a frente e para trás. Quando as rodas se moviam, a luz azul ganhava vida de repente e ouvia-se o lamento quase inaudível de uma sirene.

Meyer ainda estava a brincar com o carrinho quando Buchard entrou com uma folha de papel na mão.

– Já se conhecem – disse o chefe. Não era uma pergunta.

O homem que parecia um simpático tio de óculos quando Lund se sentara a seu lado ao pequeno-almoço tinha desaparecido.

– Já tivemos o prazer de... – começou Lund a dizer.

– Isto acabou de chegar – Buchard estendeu-lhe um relatório.

– Mas se estiveres demasiado ocupada a arrumar as tuas coisas...

– Tenho tempo – retorquiu Lund. – O dia todo...

– Ótimo – disse Buchard. – Porque não levas o Meyer contigo?

O homem que trouxera a caixa apagou o cigarro e encolheu os ombros.

– Ele está a arrumar as coisas – respondeu Lund.

Meyer parou de mexer no carrinho, pegou na bola e fê-la saltitar na mão.

Fez um sorriso rasgado. Assim parecia diferente, mais humano, mais expressivo.

– Nunca estou demasiado ocupado para trabalhar.

– Bom começo – disse Buchard. Havia uma certa tensão na sua voz. – Isso é bom para mim, Meyer, e para ti também.

Com o vidro descido e olhando em volta a partir do lugar do morto, Lund examinou o Kalvebod Fælled¹. Treze quilómetros a sul da cidade, perto do mar. Estava uma manhã clara e brilhante, depois de alguns dias de chuva. Provavelmente, o tempo não se manteria bom por muito tempo. O sapal plano, a erva amarelada e as valas estendiam-se até ao horizonte e havia um bosque escuro com árvores despidas à direita. Sentia-se um leve cheiro a mar e, mais perto, o fedor da vegetação húmida em decomposição.

¹ Terreno pantanoso reclamado ao mar na ilha dinamarquesa de Amager. (N. do T.)

Havia condensação no ar quase gelado. Aproximava-se um inverno rigoroso.

– Não podes andar armada? Não podes prender ninguém? E passar multas de estacionamento, podes?

Alguém que andava a passear o cão de manhãzinha tinha encontrado roupas de rapariga num descampado perto de um pequeno bosque de bétulas prateadas conhecido por Pinesko-ven. A Floresta de Pentecostes.

– É preciso ser-se sueco para poder prender pessoas. É uma... – Lund desejava nunca ter de responder às perguntas dele. – É assim que funciona.

Meyer enfiou um punhado de batatas fritas na boca e depois amassou o pacote e atirou-o para o chão. Conduzia como um adolescente, demasiado depressa e sem se preocupar muito com os outros condutores.

– O que é que o teu filho acha dessa ideia?

Sarah saiu, não verificou se Meyer a seguia.

Havia um detetive à paisana junto do achado, um homem uniformizado a vaguear pelos montículos de erva, pontapeando os arbustos moribundos. Não tinham mais nada, apenas um *top* de algodão florido, do género dos que uma adolescente usaria. Um cartão de um clube de vídeo. Ambos dentro de sacos de plástico para provas. O *top* estava manchado de sangue.

Lund deu uma volta de trezentos e sessenta graus, os seus olhos grandes e brilhantes em busca de alguma coisa, como sempre faziam.

– Quem é que costuma vir até aqui? – perguntou Sarah ao homem de uniforme.

– Durante o dia, crianças dos infantários, em excursões para ver a natureza. De noite, as prostitutas da cidade.

– Que raio de sítio para dar uma – disse Meyer. Caramba, onde está o romance nos dias que correm?

Lund ainda estava a girar lentamente sobre os calcanhares.

– Quando é que isto foi deixado aqui?

– Ontem. Não podia ter sido na sexta-feira, porque houve uma visita escolar. E quem cá veio teria visto o que encontrámos.

– Não houve telefonemas? Os hospitais não comunicaram nada?

– Nada de nada.

– Não fazem ideia de quem ela seja?

O detetive mostrou-lhe o saco com o *top*.

– Tamanho oito – respondeu. – É tudo o que sabemos.

O *top* tinha um aspeto vulgar. As flores, de tão garridas e infantis, eram quase irónicas. Uma piada de adolescente: o *top* era infantil e sexy ao mesmo tempo.

Lund pegou no segundo saco e examinou o cartão do clube de vídeo. Havia um nome: Theis Birk Larsen.

– Descobrimos isso perto do trilho – acrescentou o polícia.

– Esse *top*. Talvez tenham discutido e ele a tenha atirado para fora do carro. E depois...

– E depois – disse Meyer –, ela recuperou os sapatos, o casaco, a mala e a embalagem de preservativos e foi a pé para casa ver televisão.

Lund descobriu que não conseguia parar de olhar para o bosque.

– Quer que eu fale com este tal Birk Larsen? – perguntou o homem de uniforme.

– Sim, faça isso – respondeu Sarah, olhando de relance para o relógio.

Mais oito horas e estaria tudo acabado. Copenhaga e a vida anterior.

Meyer apareceu e Sarah deu por si imersa numa nuvem de fumo.

– Nós podemos falar com o tipo, Lund. Abandonou aqui uma prostituta. Espancou-a. É mesmo o meu género de cliente.

– Bem, não é o tipo de trabalho que nós fazemos.

O cigarro foi parar à vala mais próxima.

– Eu sei. Só... – um pacote de pastilhas elásticas saiu-lhe do bolso. Aquele homem parecia viver de batatas fritas, doces e cigarros. – Só quero ter uma pequena conversa com ele.

– Acerca de quê? Não temos caso. A prostituta não se queixou.

Meyer inclinou-se para a frente e falou com Sarah como um professor falaria com uma criança.

– Sou bom a conversar.

Meyer tinha orelhas proeminentes, quase cómicas, e não fazia a barba há um dia, pelo menos. Daria um bom infiltrado, pensou Sarah. E talvez fosse isso que fazia antes. Lembrou-se da maneira como Buchard falou com ele. Rufia urbano. Chui. Meyer poderia assumir qualquer um dos papéis.

– Eu disse...

– Devias ver-me, Lund. A sério. Antes de te ires embora. Era a minha prenda para os suecos.

Meyer tirou-lhe o cartão das mãos. Leu-o.

– Theis Birk Larsen.

Sarah Lund descreveu mais um círculo sobre si mesma e interiorizou a erva amarelada, as valas e os bosques.

– Eu conduzo – disse.

Pernille empoleirou-se sobre o peito grande dele, rindo-se como uma criança. Meio vestida no chão da cozinha em plena manhã de trabalho. Aquilo fora ideia de Theis, como a maioria das coisas.

– Veste-te! – ordenou, saindo a rebolar de cima dele e levantando-se. – Vai trabalhar, seu animal.

Theis sorriu como fazia o adolescente impetuoso que Pernille ainda recordava. Mas depois voltou a vestir o seu macacão